



Provei jaca pela mão de Deda, logo no primeiro mês de trabalho de campo, em Agosto de 1997. Saborear e manifestamente gostar do fruto foi a primeira de muitas outras situações que suscitaram conversas sobre árvores, frutos, cultivos de roças e casas, acabando no parentesco, nas mulheres, nos casamentos e na cíclica mudança do lugar das casas.

A jaca é um fruto de grandes dimensões e muito pesado, difícil de manejar, de transportar e até de comer de uma só vez, já que fermenta rapidamente depois de aberto. Num clima quente e sem qualquer meio de refrigeração pode atingir a putrefacção em poucas horas. Assim, comer jaca é momento de chamar parentes, reforçando os significados mais importantes de habitar e edificar uma casa.

A transformação da vida dos Tupinambá de Olivença, nestes últimos oito anos, pode ser condensada por esta foto, datada de Fevereiro de 2004. Nela, duas parentes de Deda posam para a minha máquina, com duas jacas que acabavam de apanhar. A sua postura recta invoca o tipo de trabalho de campo institucional que eu realizava nessa altura, para a Fundação Nacional do Índio, mas também o modo de os Tupinambá de Olivença encararem o momento de serem fotografados, preocupando-se em endireitar as costas “para não sair torto na fotografia”, idealizando assim como sujeitar o corpo ao escrutínio imagético.

No dia em que lhe tirei esta foto, uma destas parentes de Deda vestia esta *camiseta* alusiva ao sistema fiscal. Nela se inscreve a longa experiência de relação com os patrões, a cidade e os organismos estatais, vivida com intensidade há pelo menos dois séculos pelos Tupinambá de Olivença e com a qual as mulheres souberam lidar mais cedo que os homens.

Mas a imponentia das duas jacas elevadas por estas mulheres numa só mão pode ser vista como um epítome da “resistência silenciosa” dos Tupinambá de Olivença a vergarem-se às representações estereotipadas do que é ou não é ser índio na Baía hoje. É através de aspectos experienciais como o prazer de comer certos frutos e alimentos que tenho vindo a compreender a transformação das suas vidas desde que, no ano 2000, foram reconhecidos pelo Estado como Tupinambá.